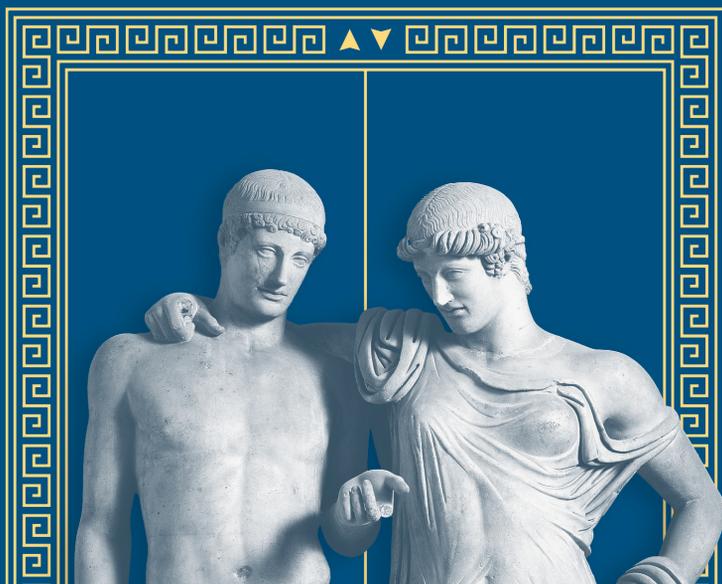


THEODŌROS PAPAĶŌSTAS

TODA A GRÉCIA ANTIGA EM UM PAPO DE ELEVADOR

Um diálogo divertido e surpreendente
sobre a história, a mitologia
e a arqueologia gregas



1

IDADE DA PEDRA

- Vamos começar pelo começo.
- Legal. - Ele me olhou inseguro. - Como tudo começou?
- Com o amor.
- Hã?
- Brincadeirinha. Mas, segundo a mitologia grega, o primeiro ser a emergir das trevas do caos foi mesmo Eros, o Cupido.
- Sério? Então é verdade que tudo gira em torno do amor? - Ele sorriu.
- Tudo. Basicamente, tudo é motivado por poder e amor.
- E dinheiro.
- O dinheiro nada mais é do que o poder com outra roupagem.
- E o amor? Que roupa veste?
- O amor está sempre nu. Mas vamos deixar a filosofia de lado e voltar à Pré-História.
- Você não ia falar sobre a Grécia Antiga?
- Sim, mas na hora certa. Daqui a pouco a gente chega à Antiguidade Clássica. Mas saiba que a Pré-História também faz parte da Antiguidade.
- Quando você diz Pré-História está falando de homem das cavernas, uga-buga, etc.?
- Uga-buga? Como você imagina o homem pré-histórico?
- Meio ogro... sei lá!

– Esse é um erro típico que nós cometemos. Acreditamos que a distância temporal implica distância intelectual, como se o homem pré-histórico fosse burro. Enxergamos a História como uma vida em desenvolvimento. Inconscientemente nos colocamos na “fase adulta”, e por tabela as gerações anteriores fazem parte da “infância” da humanidade.

– Mas você não pode negar que a humanidade se desenvolveu intelectualmente.

– Claro que se desenvolveu, e muito. E cada geração avança mais e mais. Por outro lado, o ser humano pré-histórico começou do zero, mas não era idiota. Se fosse, não teria sobrevivido. Você faz ideia de como era difícil caçar animais selvagens e parrudos para ter o que comer?

– Como os mamutes?

– Não só mamutes! Acha que é fácil caçar um búfalo?

– Não faço ideia, nunca cacei na vida. Quando criança eu corria atrás de umas galinhas lá onde morava.

– Acho que existe uma boa diferença entre uma galinha e um búfalo – brinquei.

– Com certeza. E na verdade eu nunca consegui pegar uma galinha sequer. Como eles capturavam animais selvagens?

– Com a arma mais poderosa que tinham: a mente! As evidências de períodos posteriores mostram que os nossos antepassados guiavam bandos de animais selvagens por caminhos que levavam a precipícios. Encurralados, os animais não tinham para onde fugir, caíam e morriam. Talvez o ser humano pré-histórico tenha feito algo do tipo.

– Genial! A natureza humana não muda...

– Aí você tocou num tema complexo. Se quer a minha opinião, não existe “natureza humana”. O que existe é a biologia humana. Sentimos fome, sede, urinamos, temos dores, choramos. Tudo isso faz parte da nossa biologia, não da nossa natureza. A

meu ver, nós construímos e adaptamos a nossa natureza, mas isso é assunto para mais tarde.

– O que eu quero saber é: até que ponto nós, seres humanos atuais, somos diferentes dos pré-históricos?

– Em algumas coisas somos totalmente iguais. Em outras, bem diferentes. É claro que eles tinham uma visão de mundo diferente da nossa, mas sem dúvida tinham sentimentos.

– E a arqueologia tem certeza disso?

– Sim, porque existem muitos registros de seres humanos pré-históricos que morreram e foram enterrados com todo o cuidado. Com base nisso podemos pressupor que suas mortes foram lamentadas. O homem pré-histórico certamente se preocupava com a gravidez de sua mulher no auge do inverno. Ficava apreensivo quando o grupo que saiu para caçar demorava a chegar e, quando o grupo retornava com menos pessoas, torcia para não ter perdido um parente ou amigo, sentia o coração bater a mil, suspirava, sentia medo. Ao mesmo tempo tinham uma percepção muito diferente de si mesmos e do mundo à sua volta.

– Como assim?

– É simples: na época não existia nada do mundo que conhecemos hoje. Nenhuma tecnologia, nenhuma cidade, nenhum bem material. Ou seja, a visão de mundo deles era determinada por estímulos completamente diferentes dos nossos.

– Eu prefiro que você fale sobre os períodos nos quais temos certeza do que aconteceu. A Pré-História não tem nada a ver comigo.

– Mas tudo começou na Pré-História. Foi lá que viramos seres humanos.

– Quando exatamente?

– Na Idade da Pedra, que é dividida em Paleolítico, Mesolítico e Neolítico. Já ouviu essa terminologia antes?

– Sim. Entendo a ordem, e entendo que estamos falando de uma época muito antiga. Mas por que ela é dividida em três? Por

que é considerada o primeiro período da História? E por que ela tem esse nome?

– Os estudiosos dividem a Pré-História em três grandes períodos: Idade da Pedra, Idade do Bronze e Idade do Ferro.

– Mas por que esses nomes?

– Porque sim!

– Você está de gozação comigo.

– Só um pouco. Brincadeiras à parte, eles tinham que inventar um nome. Sendo assim, batizaram os períodos de acordo com o material mais usado nos artefatos de cada época encontrados nas escavações. O primeiro período, que é gigantesco, se chama Idade da Pedra, e como eu disse é dividido em Paleolítico, Mesolítico e Neolítico, e cada um desses períodos tem suas subdivisões.

– Calma aí! Já me perdi. São muitos termos científicos. Comece pelo primeiro período.

– É o Paleolítico, que abrange praticamente todo o tempo do ser humano no planeta. Todos os muitos e muitos milênios, desde o surgimento da nossa espécie até a revolução que levou à domesticação de plantas e animais e à mudança para o sedentarismo. É quando chegamos ao Neolítico, que ocorreu há relativamente pouco tempo na história da humanidade.

– Você pulou do Paleolítico para o Neolítico. O que aconteceu com o Mesolítico?

– Ele fica espremido entre o Paleolítico e o Neolítico, porque, como você pode imaginar, essas transformações não aconteceram de um dia para o outro. O Mesolítico é um período de transição entre o Paleolítico e o Neolítico.

– E tudo isso aconteceu na Grécia?

– Não, no mundo todo. A humanidade não surgiu na Grécia, nem na Europa. Nasceu na África Oriental, e a partir dali se disseminou por todo o planeta.

– E isso foi no Paleolítico?

– Exato.

– E quando a Grécia começou a ser habitada?

– Não sabemos o momento exato. Os cientistas ainda estão estudando. Temos evidências arqueológicas de que encontramos os primeiros habitantes da Grécia, mas não vou confundir você com as diferentes espécies de humanos da Pré-História, senão vamos nos perder.

– Espécies de humanos?

– Sim. Nós somos os *Homo sapiens sapiens*, mas existiram outros antes de nós. O *Homo heidelbergensis*, o *Homo neanderthalensis*, que é o famoso homem de Neandertal, entre outros.

– Ah, sim! Eu conheço alguns homens de Neandertal que vivem na atualidade! – Ele riu.

– Sim, em geral estão atrás do volante! Acho que fica mais fácil se você tentar gravar da seguinte forma: um antepassado criou a primeira ferramenta, e nós o chamamos de *Homo habilis*, que significa “homem habilidoso”. Depois o fogo foi descoberto. Outro antepassado ficou de pé sobre as “patas” traseiras e começou a andar como nós. Foi chamado de *Homo erectus*, ou seja, “homem ereto”, porque se levantou e caminhou sobre as pernas, e a partir daí perdemos o controle da avalanche de mudanças. Seja como for, temos evidências de que o *heidelbergensis*, o *neanderthalensis* e outros atravessaram o território grego em algum momento, indo do sul para o norte. Ainda se discute quando exatamente as espécies humanas deixaram a África e se espalharam pelo mundo. As descobertas futuras vão fornecer mais indícios.

– Isso significa que os gregos vivem aqui desde o Paleolítico?

– Não temos como saber. Sabemos que o ser humano chegou ao que hoje é a Grécia muitos séculos atrás, mas não sabemos que espécie de humano era. Não podemos chamá-los de gregos, só de habitantes do território grego. Não sabemos se houve a formação de um povo grego ou de outro tipo de povo, e também não

sabemos se os humanos tinham uma concepção de povo, grupo ou até organização social na época. É por isso que não podemos falar de povos na Pré-História.

– Nessa época não existiam povos?

– Não tem como sabermos, porque eles não deixaram nenhum registro ou informação que possamos usar para descobrir como eles se referiam a si mesmos. Não somos capazes de determinar e localizar povos, grupos étnicos ou nações na Pré-História, e quem afirmar o contrário está mentindo.

– Mas uma vez eu li na internet que...

– Na internet você vai encontrar de tudo – interrompi. – Não necessariamente são fontes confiáveis, baseadas em evidências. Já houve inúmeras tentativas de identificar povos pré-históricos, mas elas tinham fins políticos e fracassaram, porque não foram comprovadas, e isso é inaceitável na ciência. Seja como for, a Pré-História é de fundamental importância para a trajetória da humanidade no planeta. Não importa se o povo é chamado de grego, malgaxe, egípcio ou massai. Mesmo não conseguindo distinguir os grupos étnicos da época, podemos estudar a espécie humana como um todo e o desenvolvimento da civilização.

– Uma pergunta: quando começou o Paleolítico?

– Há cerca de 3,5 milhões de anos. É o período menos conhecido e o mais difícil de delimitar e pesquisar.

– Por quê?

– Porque o ser humano ainda não tinha aprendido a registrar suas ações e pensamentos, não construía grandes obras, não vivia em moradias fixas. Nós éramos caçadores e coletores. Não produzíamos alimentos, só comíamos o que pegávamos nas árvores e conseguíamos caçar, o que não era uma tarefa fácil. O ser humano passou por grandes provações durante centenas de milhares de anos. Os únicos vestígios desse período, usados para identificar os humanos do Paleolítico, são as ferramentas de pedra que eles fa-

bricavam e utilizavam. O Paleolítico e a civilização humana como um todo começaram de forma muito rudimentar. Mas, se você parar para pensar, vai ver que é um momento grandioso.

– Como assim? Que momento?

– O momento em que o nosso antepassado criou a primeira ferramenta. Foi ali que tudo começou. Tudo aconteceu de forma lenta, mas constante. Nesse momento, mesmo não sendo capaz de reconhecer na hora, ele ou ela...

– *Ela?* É possível que uma mulher tenha criado a primeira ferramenta?

– E por que não? Quais são as evidências de que foi um homem?

– É verdade...

– Os seres humanos, homens e mulheres, abandonaram seu modo de vida original para criar algo novo para si. Talvez esse seja o momento mais decisivo da nossa evolução no planeta.

– Como assim? Explique isso melhor. Por que esse momento foi o mais decisivo?

– Porque foi o momento em que o ser humano criou algo que não existia antes. Qual é a diferença mais básica entre o ser humano e o resto da fauna? Nós somos capazes de criar e destruir. Até a nós mesmos. E, quando o ser humano começou a criar ferramentas, também começou a criar o mundo à sua volta. Nada voltaria a ser como antes, e essa transformação nunca mais pararia. Por milhões de anos a flora e fauna se submeteram às leis da natureza, sem se queixar, adaptadas, até que em dado momento uma forma de vida decidiu romper com as leis da natureza e criar sua própria natureza. E tudo começou com um “crec”.

– “Crec”?

– O som feito quando alguém segurou duas pedras e bateu uma na outra. A pedra quebrou e formou uma lâmina. Esse “crec” ecoou pelos séculos seguintes. Foi o som da espécie huma-

na infringindo as leis da natureza. Ninguém imaginava, mas essa lâmina foi uma divisora de águas. Era o início do milagre humano. A partir dali os seres humanos migraram do clima quente da África e se espalharam pelo planeta.

– Foi assim que surgiu a humanidade? Essa é a teoria mais aceita?

– É assim que eu interpreto, e acho que outras pessoas também, a pergunta filosófica sobre quando o ser humano começou sua jornada. Outras interpretações dizem que a civilização surgiu quando um dos nossos antepassados ficou furioso e se expressou com palavras em vez de atirar pedras, ou quando um antepassado foi enterrado com um ritual pela primeira vez. Tudo isso é subjetivo. O importante é que a humanidade criou uma civilização e se diferenciou das outras formas de vida.

– Que legal! A humanidade se espalhou pelo planeta, mas o que aconteceu depois?

– Ela começou a viver, e ainda vive, uma jornada emocionante. Ao longo desse tempo, a única constante foi a mudança, mudança essa que a nossa espécie ainda tanto teme. Mas quem tem um mínimo de conhecimento sobre o ser humano ri da nossa recusa em aceitar que a natureza está sempre evoluindo.

– Posso discordar? A meu ver, o ser humano não muda, nada muda. As coisas são assim mesmo. Faz parte da nossa natureza...

– Que natureza? Não é de sua natureza comer pão, vestir roupas, dirigir um carro, ler, morar num apartamento dezenas de metros acima do solo, controlar a eletricidade, usar elevador. Ou ficar preso em um, como nós estamos agora.

Ele me olhou em silêncio, pensativo.

– Você não acha que existe uma natureza humana?

– Claro que existe, mas é ligada à biologia e à sobrevivência, e precisamos aceitá-la, porque ela é poderosa. Também precisamos aceitar nossa presença no planeta e entender que estamos ligados

a ele e aos outros seres que vivem aqui. E isso não é pretexto para ignorar o que nos move: somos nós mesmos que determinamos o nosso comportamento, e não a nossa natureza. Mas a questão não é essa. A questão é que você mesmo suplantou a sua natureza. Você não sabia uma coisa e me perguntou. Agora responda: a quem o ser humano daquela época fazia perguntas? Às plantas? Aos mastodontes? Nossa jornada até aqui foi curta e cheia de aventuras. O planeta tem 4,5 bilhões de anos, e a vida no planeta começou há cerca de 3,5 bilhões de anos, mas o ser humano só tem 3,5 milhões de anos, então dá para ver que aprendemos a falar numa velocidade vertiginosa. Como conseguimos nos adaptar tão rápido? Sorte sua que a arqueologia está aqui para ajudar.

– Então esse é o objetivo da arqueologia?

– Vamos dizer de brincadeira que ela é como uma sessão de psicoterapia coletiva na qual toda a humanidade escava o passado para entender o que nos fez ser a forma de vida mais complexa do Sistema Solar.

– Sim, você tem razão. O ser humano é um bicho estranho. E todos nós precisamos de terapia. Mas me fale mais sobre o homem da Idade da Pedra e sobre a primeira ferramenta que ele criou. O que aconteceu depois?

– Ele adorou a ferramenta. Era útil, tinha muitas finalidades. Aí ele fez outra. E mais outra. Outros se juntaram a ele. Depois alguém pensou em como aprimorar a ferramenta. Assim foram criadas as primeiras ferramentas.

– Mas por que as ferramentas de pedra são tão importantes?

– Porque são os achados mais comuns em sítios arqueológicos do Paleolítico. Machadinhas e outras ferramentas de pedra ou osso.

– Eles não tinham ferramentas de outro material?

– Tinham, sim. De madeira, por exemplo. Mas a madeira apodrece, não tem a durabilidade da pedra. Então, o que descobri-

mos do primeiro humano pré-histórico é por causa dos poucos vestígios que chegaram a nós.

– E o que o ser humano fez desde que surgiu no mundo?

– Arte, meu amigo! – exclamei e fiquei surpreso com meu entusiasmo repentino. – Arte! Pequenas joias e lindas pinturas rupestres em cavernas. O homem precisa de arte. Essa é uma necessidade que surgiu antes de ele aprender a cultivar o solo e construir casas. O amor pela arte atravessou o tempo e chegou aos dias de hoje. Se você ouvir um *Homo sapiens* dizer que não liga para arte, lembre-se: centenas de milhares de anos atrás, o antepassado dele vestia peles de animais e tinha uma vida parecida com a dos outros bichos, mas sentiu a necessidade de criar arte na caverna. A arte nasceu junto com a espécie humana. Numa época em que ainda não havia aprendido nenhum método básico de sobrevivência, como a agricultura ou a construção de casas, o ser humano aprendeu a fazer arte, para só depois aprender a viver e comer como gente de verdade.

– Até aqui eu entendi. E depois do Paleolítico veio o Mesolítico?

– Isso. Mas lembre-se: fomos nós que demos esses nomes aos períodos. Precisamos enxergar essa mudança de período num sentido figurado. Eles não se juntaram numa caverna, organizaram uma festa, penduraram uma faixa na parede com as palavras “Feliz Mesolítico!” e fizeram contagem regressiva, se abraçando e cantando “Adeus, Paleolítico, feliz Mesolítico!”. A transição se deu aos poucos, e nós resumimos esses passos para organizar o caos cronológico da Pré-História.

– E por que vocês precisaram do Mesolítico? Qual a diferença dele para os outros períodos?

– Aos poucos a vida continuou mudando, e o Mesolítico marca o período de transição do Paleolítico para o Neolítico, que foi quando tudo mudou de verdade.

– E como ocorreu essa mudança?

– Foi outro caos. O Neolítico é o período em que ocorre a transição da cultura de caça e coleta para a cultura de pastoreio e agricultura. Em algum momento alguém viu uma fruta cair no solo, e depois de um tempo alguma coisa começou a brotar da terra. Essa pessoa se perguntou: “Será que eu devo enfiar uma fruta na terra? O que vai acontecer se eu fizer isso?” Pouco tempo depois ele viu a primeira muda brotar. Nesse momento o homem aprendeu a cultivar a terra e a não só produzir alimentos como também multiplicá-los. Ele começa a armazenar alimentos para os períodos de escassez ou para quando o tempo está ruim e ele não encontra nada para forrar o estômago.

– Ah, sei bem como eles se sentiam!

– A partir dessa descoberta provavelmente surgiram os conceitos de propriedade e de troca, e junto com a invenção da agricultura vieram outros acontecimentos decisivos. Nossos antepassados pensaram: se a gente usa o campo para se alimentar, por que não tornar toda essa região confortável e ficar por aqui de vez? Para que ficar mudando de um lugar para outro?

– Então tudo mudou no Neolítico?

– Exato! A transição para o Neolítico é o melhor argumento contra as pessoas que não querem qualquer transição para algo novo. Você pode responder que a humanidade viveu milênios como nômade, sem cultivar a terra. Será que a gente deve voltar para as cavernas só porque era como se vivia antes?

– Isso quer dizer que a grande inovação do Neolítico foi a agricultura?

– Não só ela. Ao mesmo tempo aprendemos a domesticar os animais. O gado é forte e ajuda a arar a terra, cavando mais fundo, e com isso as plantas crescem melhor. A cabra dá leite e amamenta as crias. Não podemos beber o que sobra? A ovelha tem muita lã. Não podemos cortar o excesso e aproveitar? Em algum momento um antepassado qualquer, que hoje deveria ser

venerado em Paris, Milão ou Nova York, teve a ideia de pegar a lã e fazer roupas com ela. Boas ideias se espalham rápido. Algum forasteiro vindo de longe passou ali perto, viu as pessoas usando roupas de lã e ficou com inveja. Voltou para casa mal-humorado e jogou as roupas de couro fora.

– Ah, mas a lã pinica.

– Verdade, e deve ter pinicado muita gente do Neolítico até alguém prestar atenção no algodão, que é muito mais macio. Mas sejamos realistas e francos: provavelmente várias pessoas tiveram essa ideia ao redor do planeta, talvez em lugares distantes uns dos outros. Foi mais ou menos nessa mesma época que surgiu a cerâmica. O ser humano aprendeu a assar e moldar a terra e produzir vasos. E os vasos de argila são espetaculares! Não se deterioram com o tempo.

– Como assim?

– Cerâmica é argila queimada, fica do jeito que você moldar até o fim dos tempos, e isso é maravilhoso para a ciência. O fato de existirem peças de cerâmica do Neolítico preservadas nos possibilita organizá-las por ordem cronológica e saber quando cada uma foi fabricada, o que é muito útil. Objetos de cerâmica são os achados mais comuns nas escavações, e essa cadeia gigante de evolução da arte em cerâmica nos ajuda a reconhecer a que período pertence o local escavado. Tudo muda no Neolítico. E, quando o modo de vida do Neolítico chega à Grécia, tudo muda de novo.

– Ué, como assim? O Neolítico não começou aqui na Grécia?

– A Grécia não é o primeiro local do planeta a adotar o modo de vida radical do Neolítico. Ele já existia no Oriente Médio desde 10000 a.C. e surgiu perto de 7000 a.C. na Grécia. Durou 4 mil anos aqui. É um período bem longo, e, como eu já falei, não é estagnado, nem homogêneo. Também precisamos subdividir esse período: Neolítico Antigo, Neolítico Médio, Neolítico Tardio e Neolítico Final.

- Nunca vou conseguir memorizar tudo isso.
- Mas nem precisa. Você só precisa saber que o modo de vida do Neolítico se disseminou por toda a Europa Continental e também pelas ilhas. Com a invenção da agricultura, os humanos se tornaram mais capazes de garantir a sobrevivência.
- É por isso que eles veneravam deuses como a Mãe Natureza?
- Nós presumimos que eles veneravam a Terra, e muito provavelmente isso aconteceu, mas não esqueça que estamos na Pré-História e nem sequer sabemos como eles chamavam esses deuses. Mas tudo indica que eram deuses nada benevolentes.
- Por quê?
- Na época a vida era extremamente dura. Por isso, é provável que a psique humana tenha imaginado deuses igualmente duros, severos. O trabalho na agricultura não era nada fácil. O agricultor tinha que trabalhar em campos cobertos por geadas ou debaixo de um sol escaldante, e nem sempre a colheita era suficiente. Isso sem contar que o granizo e as pragas podiam destruir toda a plantação de uma hora para outra. Mesmo após a descoberta da agricultura, durante milênios, quando a colheita não era boa, pessoas morriam de fome. Pela lógica, uma divindade responsável por essas dificuldades podia ser tudo, menos benevolente.
- Mas se os deuses permitiam que a terra fosse semeada e as árvores dessem frutos, então as pessoas tinham motivos para considerá-los benevolentes, não?
- Verdade. De fato, não há por que os deuses não poderem ser as duas coisas. Por um lado, seriam benevolentes quando estavam a favor dos homens. Por outro, seriam maus quando não demonstravam qualquer compaixão.
- É por isso que as pessoas tentavam agradar aos deuses e inventaram rituais de devoção! – exclamou o rapaz, com o dedo erguido como se houvesse tido um grande insight.

– É uma ideia meio simplista, mas está correta. Resumindo, essa foi a “revolução” do Neolítico, que aconteceu de forma bem lenta e pacífica, mas mudou a humanidade para sempre, porque, se essas inovações não tivessem acontecido, você não teria nem farinha, nem pão fresquinho, nem seu creme de avelã preferido no pão fresquinho para acompanhar o café com leite e cereais. Aliás, o leite e os cereais também são “invenções” do Neolítico, assim como a casa onde você toma café da manhã. Como pode ver, o Neolítico é um dos períodos mais importantes da trajetória humana, talvez *o mais importante*.

– Sabe de uma coisa? A Pré-História parece ser importante e bem interessante, mas no geral continua sendo um grande ponto de interrogação. Vocês, arqueólogos, têm muitas lacunas nessa história. Tudo que vocês dizem sempre vêm com um “talvez” ou “possivelmente”.

– Verdade, os assentamentos da Pré-História são raros e difíceis de analisar. Tente calcular quantos anos de História estão nas camadas arqueológicas. Um assentamento pré-histórico no que hoje é a Grécia, por exemplo, pode ter vestígios de diversos povos: gregos, romanos, bizantinos, venezianos, turcos. Ali eles travaram batalhas, construíram vilarejos e cidades, araram os campos durante milênios. E, durante todo esse tempo, tudo que eles encontravam da Antiguidade era jogado fora ou destruído. Mas, com persistência e paciência, os arqueólogos continuam encontrando objetos e locais que nos dão novas pistas de como era a vida no Neolítico.

– Na Grécia existem sítios arqueológicos do Neolítico abertos para visitação?

– Muitos, mas eles não t em muitas constru es preservadas ou o brilho dos sítios arqueológicos do Período Clássico. Dois bons exemplos são os sítios de Sesklo e Dimini, na região da Tessália, mas tem um lugar melhor ainda: a caverna Franchthi,

no Peloponeso. Não é a única caverna do tipo, mas é uma evidência incrível.

Pego o celular, busco o nome no Google e mostro uma foto do lugar. Ele não parece impressionado. Compreensível, porque a caverna não tem estalagmites ou estalactites, é só um buraco numa rocha.

– A caverna é só isso?

– Essa caverna é um dos casos raros em que nós tivemos sorte, porque foi habitada no Paleolítico, no Mesolítico e no Neolítico! Nada melhor para comparar as diferenças e a evolução. No Paleolítico foi habitada por caçadores e coletores que trabalhavam com ferramentas de pedra. No Mesolítico a mudança aparece lentamente. Os habitantes da caverna começam a sepultar os mortos, fazem viagens marítimas longas e aprendem a pescar grandes quantidades. No Neolítico, eles se espalham pelos arredores da caverna, onde erguem casebres de pedra, pescam, cultivam a terra e criam objetos de cerâmica e belos ídolos de argila. Isso durou até o fim do Neolítico, quando aprendemos a utilizar metais e a sociedade sofreu outra transformação radical.

– Quanto tempo durou o Neolítico?

– Na Grécia, de 7000 a.C. até cerca de 3000 a.C., quando civilizações mais desenvolvidas começam a habitar a região do mar Egeu. Em algum momento perto de 3000 a.C. a Idade da Pedra teve fim, junto com suas três subdivisões, e entramos na Idade do Bronze.

– Com mais três subdivisões?

– Correto! Como eu ia dizendo, a Idade do Bronze...

– Calma, não precisa correr! E antes de continuar me responda uma coisa: o que exatamente é a arqueologia?

FAQ: O QUE É A ARQUEOLOGIA?

- O que você, que não é arqueólogo, acha que é a arqueologia?
 - É a ciência que estuda o passado.
 - Certo, mas ela não é a única a fazer isso. Outras ciências estudam o passado, e a mais famosa delas é a história. A sua definição não explica exatamente o que é a arqueologia.
 - Certo, então podemos dizer que a arqueologia é a ciência da escavação das relíquias do passado?
 - Também não, porque a arqueologia não se limita às escavações. Eu arriscaria dizer que a arqueologia é o estudo do passado humano com base nos materiais encontrados.
 - Como assim, “arriscaria dizer”? Você é arqueólogo! Vocês mesmos não sabem definir sua própria ciência?
 - A arqueologia já teve muitas definições, mas a maioria dos arqueólogos não se satisfaz com nenhuma. Sempre falta alguma coisa nas definições. Além do mais, a arqueologia sempre sofreu de uma espécie de complexo de inferioridade, por ter que pedir ideias e teorias emprestadas de outras áreas: da sociologia, da filosofia, da história e até da geologia. Ela sempre teve dificuldade para se definir, a ponto de fazer com que David Clarke, um grande teórico da arqueologia, exclamasse frustrado: “A arqueologia é arqueologia é arqueologia!” Como se dissesse: “Eu sou quem sou, e quem gostar gostou!” Só para concluir, a definição da arqueologia como uma ciência que estuda o passado humano com base nos materiais encontrados é uma espécie de meio-termo.
 - Ok, vamos deixar as definições de lado. Você pode pelo menos me explicar como a ciência da arqueologia se desenvolveu?
 - Vou explicar com uma analogia. Imagine que todas as ciências frequentem o mesmo café. Os clientes mais antigos já vão

lá há muitos anos. A arqueologia é uma ciência jovem, ingênua. Quando ela abre a porta um sino toca, anunciando sua chegada. As outras ciências estão sentadas a mesas espaçosas com toalhas bordadas, tomando café e comendo doces. Usam roupas suntuosas e chapéus enfeitados. Elas viram a cabeça para ver a nova frequentadora. Mesmo hesitante, a arqueologia dá um passo à frente e entra na hora do chá das grandes ciências.

“Todas as outras ciências já se conhecem. Conversam entre si e influenciam umas às outras. Um belo dia, a geologia enfia a mão na bolsa e tira algo para mostrar às amigas. É uma pedra, mas não uma pedra qualquer. Tem um lado afiado, como se alguém tivesse lascado a pedra para dar a ela um formato de faca ou lâmina. ‘Vejam só o que eu encontrei’, diz a geologia, pensativa. Nessa hora a teologia bufa e, num tom depreciativo, diz: ‘Você nitidamente não faz a mínima ideia do que é isso. Sorte sua que eu sei! É um resto dos trovões que Deus atirou na Terra no início dos tempos, para punir os pecadores.’ A teologia costuma tirar respostas da própria cabeça, sem se preocupar em fornecer evidências. As outras ciências não sabem o que é aquele objeto e resolvem ficar quietas. Mas refletem sobre a pedra.”

– E o que isso quer dizer? – perguntou perplexo meu companheiro de elevador.

– Quando as primeiras ferramentas de pedra do Paleolítico foram encontradas, a única explicação “lógica” era que se tratava de restos dos trovões ou das pontas das lanças usadas pelos anjos que Deus havia enviado à Terra. Na época, ninguém imaginava que a humanidade já habitava o planeta há muitos milênios e que esses objetos eram as primeiras ferramentas criadas pelos humanos. Ninguém fazia ideia de que aquelas ferramentas teriam “moldado” a humanidade.

– E como acaba a história da ferramenta no café?

– A geologia não se deixou convencer pela teologia. Guardou

a pedra e ficou pensando. Antes disso, tinha reparado que a Terra tem camadas, como os andares de um bolo, criadas ao longo de milênios. Para onde quer que olhasse encontrava provas de que sua constatação estava correta. A arqueologia se sentou ao lado da geologia para escutar e aprender mais. Ficou curiosa com a ideia das camadas. Pouco tempo depois, a geologia encontrou evidências de que essa pedra na verdade é uma ferramenta de origem humana e é muito antiga. A primeira a ficar sabendo é a sua nova amiga, a arqueologia. O tempo passa, o café muda de dono, e as grandes mesas redondas saem de moda. São substituídas por bancadas modernas, decoração sofisticada e equipamentos tecnológicos de ponta. As ciências exatas ganham destaque. Mas a obstinada arqueologia continua lá, firme e forte. Faz amizade com ciências importantes e quando precisa de alguma coisa pergunta a elas. A arqueologia é muito querida e passa a ser chamada cada vez mais de arqueometria. Depois de encontrar seu lugar no meio do caminho entre as ciências humanas e as exatas, a arqueologia decide viajar. Começa na Europa, pelas grandes civilizações do Mediterrâneo, mas em pouco tempo percebe que pode percorrer o planeta inteiro, qualquer lugar já habitado pelo ser humano.

– Veja só! Então a arqueologia não surge na Grécia?

– Claro que não!

– Mas a Grécia Antiga não é o centro da arqueologia?

– Quem se interessa pela arqueologia grega ou clássica se concentra no território grego e na região do Mediterrâneo Oriental, por onde a antiga civilização grega se difundiu. Mas sempre é bom lembrar que arqueologia não é sinônimo de Grécia Antiga ou de Antiguidade.

– Pode me explicar melhor?

– A arqueologia está em todos os lugares já habitados pelo ser humano. E o ser humano povoou todo o nosso planeta há muitos milênios. Por exemplo, na África Subsaariana, onde construiu o

Grande Zimbábue; nas dunas do Egito, onde construiu as Pirâmides; nas ilhas britânicas, onde até hoje existem imponentes estruturas de pedra; na Índia, onde criamos as primeiras estruturas urbanas do planeta à margem de rios; nas estepes russas, onde vivia o povo cita; no México, onde os maias construíram estruturas gigantescas no meio da selva; nas ilhotas isoladas do Pacífico, onde corajosos pioneiros polinésios construíram totens. Como você pode ver, a arqueologia está em toda parte.

– Adorei descobrir que a arqueologia permite que você faça uma viagem pelo mundo dentro da sua mente!

– Então vou lhe dar outra definição de arqueologia: a arqueologia é o parque de diversões da imaginação humana.

– Todas essas civilizações que você mencionou são antigas? Elas existiram ao mesmo tempo?

– Algumas sim, outras não. As primeiras civilizações urbanas surgiram na Mesopotâmia, no Egito e no vale do Indo. Conheciam a escrita, a arquitetura e outras tecnologias desde cerca de 3000 a.C.

– O que estava acontecendo na Grécia nessa época?

– Ela estava deixando o Neolítico e entrando na Idade do Bronze.

– Então me fale sobre a Idade do Bronze.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

